

Educação Básica  
História II  
1º ano

---



***Histórias  
de Portugal  
(Des)conhecidas***



Instituto Superior  
de Ciências Educativas  
do Douro

# F I C H A T É C N I C A

Título

*Histórias de Portugal (Des)conhecidas*

Coordenação

José Carlos Meneses | Adelaide Galhardo | Rui Brito Fonseca

Design

Nuno Coelho | Liliana Moutinho | Sandra Carvalho

Arranjos Gráficos

Tiago Martins

Editor: ISCE Douro

Email: [geral@iscedouro.pt](mailto:geral@iscedouro.pt) | Telefone: 255 318 550

Data de edição: junho 2022

ISBN: 978-989-53326-1-8

# Í N D I C E

<b>DA PESQUISA À EXPOSIÇÃO E DA EXPOSIÇÃO AO LIVRO: ETAPAS DO CONHECIMENTO E DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICAS</b> RUI BRITO FONSECA	1
<b>A HISTÓRIA DE PENAFIEL (DES)CONHECIDA: UMA EXPERIÊNCIA PARTILHADA</b> MARIA ADELAIDE GALHARDO	3
<b>A HISTÓRIA NÃO OFICIAL NA PRÁTICA PEDAGÓGICA E CIENTÍFICA: UMA OPÇÃO ASSOCIADA À LIBERDADE DE OPÇÃO DO ESTUDANTE</b> JOSÉ CARLOS MENESES	5
<b>HISTÓRIAS DE PORTUGAL (DES)CONHECIDAS</b>	
<b>JÁ FOSTE RICO E FORTE E SOBERANO</b>	8
<b>INTRODUÇÃO</b>	9
<b>A RUA DE ARRIFANA DE SOUSA</b> LILIANA MOUTINHO, LINDA PINHEIRO E RITA FERREIRA	10
<b>PENAFIEL, TERRA DE ARTISTAS DE ARTE SACRA</b> CATARINA FERREIRA, ERICA NUNES E JOANA MAGALHÃES	11
<b>UM BISPADO SEM BISPO</b> BRUNA TADEU E JOSÉ NUNO COELHO	12
<b>OS FRANCESES EM PENAFIEL NA SEGUNDA INVASÃO (1809)</b> RITA MARTINS, BRUNA VIEIRA E BEATRIZ QUINTAS	13
<b>CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO DOS CAPUCHOS (1832)</b> ANA RITA BARBOSA E HELENA COELHO	14
<b>O DESENVOLVIMENTO DE PENAFIEL EM TORNO DA RUA FORMOSA</b> SANDRA CARVALHO E VERA MARTINS	15
<b>BIBLIOTECA MUNICIPAL</b> ANA DE MATOS E ALEXANDRA BESSA	16
<b>HUMBERTO DELGADO. O GENERAL SEM MEDO</b> FILIPE VITOR	17

# HISTÓRIAS ROCAMBOLESCAS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

<b>INTRODUÇÃO</b>	19
<b>SANTA ISABEL - UM MILAGRE DE FAMÍLIA</b> HELENA COELHO	20
<b>ORDEM DOS TEMPLÁRIOS - OS PROTEGIDOS DE D.DINIS</b> LINDA PINHEIRO	21
<b>D. INÊS DE CASTRO E D. PEDRO I - AMOR VERDADEIRO OU FARÇA ?</b> ANA DE MATOS	22
<b>D. LEONOR - A RAINHA QUE ABANDONOU O MARIDO NO LEITO DA MORTE</b> ALEXANDRA BESSA	23
<b>PADRE ANTÓNIO VIEIRA - O IMPERADOR DA LÍNGUA PORTUGUESA</b> SANDRA CARVALHO	24
<b>D JOÃO V - UM REI VICIADO EM SEXO NO CONVENTO</b> JOSÉ NUNO COELHO	25
<b>MARQUES DE POMBAL - HERÓI OU LOUCO?</b> ANA RITA BARBOSA	26
<b>TERRAMOTO DE 1755 - LISBOA ARRASADA</b> JOANA MAGALHÃES	27
<b>D. MARIA I - RAINHA LOUCA PARA UM PAÍS DE DOIDOS</b> RITA MARTINS	28

# HISTÓRIAS ROCAMBOLESCAS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

<b>CARLOTA JOAQUINA - NINFOMANÍACA, TRAI DORA, FANÁTICA OU MULHER EMANCIPADA MALTRATADA PELA HISTÓRIA?</b>	
BRUNA TADEU	29
<b>TRAGÉDIA NO DOURO - OS FRANCESES MATARAM MILHARES DE PORTUENSES</b>	
ÉRICA NUNES	30
<b>SÁ DA BANDEIRA - QUEM ACABOU COM A ESCRAVATURA NO IMPÉRIO PORTUGUÊS?</b>	
RITA FERREIRA	31
<b>A I REPÚBLICA PORTUGUESA - A ESPERANÇA DESPERDIÇADA</b>	
FILIPE VÍTOR	32
<b>A OUTRA FACE DE SALAZAR</b>	
LILIANA MOUTINHO	33
<b>ARISTIDES DE SOUSA MENDES - O "SCHINDLER" PORTUGUÊS?</b>	
BEATRIZ QUINTAS	34
<b>D. ANTÓNIO FERREIRA GOMES - QUEM FOI O BISPO QUE BATEU O PÉ A SALAZAR?</b>	
CATARINA FERREIRA	35
<b>CHEIAS DE 1967 - CHUVA NÃO MATA RICOS</b>	
VERA MARTINS	36
<b>25 DE ABRIL - UMA REVOLUÇÃO FEITA DE CRAVOS</b>	
BRUNA VIEIRA	37
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	38

## **DA PESQUISA À EXPOSIÇÃO E DA EXPOSIÇÃO AO LIVRO: ETAPAS DO CONHECIMENTO E DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICAS**

“Pensar o passado para compreender o presente e idealizar o futuro.”  
Heródoto

Num momento em que os apelos constantes da sociedade, dos meios de comunicação social de massas e dos ditos influencers que dominam as redes sociais, convocam-nos para vivermos apenas o presente sem olharmos para o passado, a ocorrência de uma exposição como a “Penafiel na História de Portugal (des)conhecida” que esteve patente na Biblioteca Municipal de Penafiel durante vários meses, vem demonstrar que só conhecendo e refletindo sobre o passado, podemos pensar e projetar o futuro.

Esta exposição que teve a sua génese em trabalhos de pesquisa de estudantes do ISCE Douro, no âmbito dos programas de unidades curriculares, desafiou os mesmos a pesquisar, a refletir e a criticamente avaliar a pertinência das informações recolhidas. Mais que uma recolha de informações sobre factos históricos relacionados com Penafiel, esta foi uma verdadeira aventura de produção de conhecimento, centrada num tipo de conhecimento menos óbvio, considerando que se debruçava sobre as estórias que contribuem para a construção da História.

A pesquisa realizada envolveu diferentes fontes, nem sempre facilmente disponíveis ou acessíveis, pois não se tratou de uma recolha de tipo historiográfico *tout court*, indo para além da utilização dos seus instrumentos e práticas. Foi um trabalho de pesquisa sério e capaz de estabelecer pontos de contacto, entre os interesses particulares dos estudantes e o cerne do tema da exposição, permitindo uma aprendizagem em exercício, fluída, partilhada e refletida.

Destarte, na construção desta exposição, primeiro e no desenvolvimento deste livro, depois, foram utilizados métodos e técnicas de pesquisa que serão uma enorme mais valia, para o futuro profissional destes estudantes. É este desafio para além do óbvio, deste teimar em conhecer o passado para projetar o futuro, deste exigir constante de nós e dos outros que se formam profissionais para o futuro mais competentes, mais críticos e mais capazes de marcar a diferença nas organizações. É dos desafios, aparentemente, descabidos ou desenquadrados da doxa dominante que nascem os projetos mais apaixonantes, relevantes e com maior impacto no percurso académico dos estudantes.

É necessário ainda salientar que a pesquisa que conduziu a esta exposição não se limitou a um exercício académico, refletido e fechado. Pelo contrário, esta pesquisa foi um processo que foi crescendo, em resultado do envolvimento dos estudantes e do docente, numa primeira fase e de todo o ISCE Douro depois. O que começou por ser uma pesquisa curricular, para execução de uma exposição interna na instituição, cresceu e tornou-se numa exposição de grande relevância e impacto, na cidade de Penafiel e para além desta.

Este olhar sobre o passado, acutilante, apaixonado e com referências muito fortes às estórias e história locais, bem como a diversas obras literárias de folego nacional e internacional, tornou-se na exposição que marcou a reabertura da Biblioteca Municipal de Penafiel – depois de um longo interregno de requalificação da mesma – marcando decisivamente o 27º aniversário da Biblioteca Municipal de Penafiel. Para além disso, a exposição “Penafiel na História de Portugal (des)conhecida”, pela sua relevância e impacto foi um dos eventos que marcou os primeiros dias das comemorações do 252º aniversário da elevação de Penafiel a Cidade. Note-se que o destaque dado pelo município de Penafiel a esta interessante exposição que culmina aqui na publicação da mesma em formato de livro, não é alvo de um acaso qualquer. Pelo contrário, é fruto de uma relação de proximidade partilhada, entre o ISCE Douro e a Biblioteca Municipal, por um lado, e entre o ISCE Douro e a Câmara Municipal de Penafiel, por outro.

Como instituição de ensino superior com sede em Penafiel, mas que forma estudantes de todo o país, assumimos as atividades de extensão à comunidade e as parcerias com as forças vivas da mesma com grande seriedade, compreendendo que sem estas partilhas e colaborações o processo formativo estaria sempre incompleto.

É com muito orgulho, mas sobretudo com muita responsabilidade que o ISCE Douro transporta a exposição “Penafiel na História de Portugal (des)conhecida” para o formato de livro, de modo a que os questionamentos e os conteúdos que fizeram da mesma um exemplo de relação com a comunidade, possam agora chegar a mais cidadãos da comunidade e de fora desta, pois só levando a nossa história e as estórias da história a mais pessoas, podemos contribuir para o enriquecimento da população e para que esta reveja nesta obra o seu passado.

É um passado muito rico, com muitos episódios de grande relevância para a História de Portugal, um passado que importa divulgar, para que saibamos quem somos e possamos refletir para onde queremos ir. Sem passado não há futuro.

Para finalizar, resta-me agradecer humildemente em nome do ISCE Douro a todos aqueles que estiveram envolvidos neste processo de pesquisa, aprendizagem, criatividade e comunicação. Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao Prof. Doutor José Carlos Menezes que com a sua sã obstinação, idealizou e levou por diante esta tarefa. Depois, os nossos estudantes que pesquisaram, discutiram e criativamente produziram os conteúdos, aprendendo em processo.

Também agradecer à Biblioteca Municipal de Penafiel, na pessoa da Dra. Adelaide Galhardo que acreditou no potencial da ideia de partida e esteve connosco, desde a primeira hora. Por fim, pela sua importância central e decisiva em todo este processo, um agradecimento especial à Câmara Municipal de Penafiel, na pessoa do seu Presidente, o Dr. Antonino de Sousa.

Muitas mais páginas serão escritas na quase tricentenária história da Cidade de Penafiel, mas estamos certos que demos um relevante contributo, para o conhecimento e divulgação de algumas das mais pertinentes páginas já escritas na longa vida de Penafiel.

Penafiel, junho de 2022

Presidente do ISCE Douro

*Rui Brito Fonseca*

(Rui Brito Fonseca)

## **A HISTÓRIA DE PENAFIEL (DES)CONHECIDA:**

### **UMA EXPERIÊNCIA PARTILHADA**

Penafiel, cidade desde 3 de março de 1770, por graça de El-Rei D. José I, com uma intervenção de não menos importância do célebre Sebastião José de Carvalho e Melo, Conde de Oeiras, mais conhecido por Marquês de Pombal, teve, tem e terá sempre um peso na História de Portugal, conhecida e desconhecida. Surgiu em altura auspiciosa a conversa com o Prof. Doutor José Carlos Meneses do ISCE/Douro que, tendo por base o trabalho que os alunos desenvolveram da leitura do livro “Histórias Rocambolescas da História de Portugal” de João Ferreira, propôs a parceria da Biblioteca Municipal de Penafiel para uma exposição subordinada a este tema.

Sendo a mesma para abrir em março, mês da cidade, tornava-se a altura adequada para juntar episódios caricatos ou peculiares da História de Penafiel, dando assim a conhecer um pouco melhor o seu património material e imaterial. Pretendeu-se assim, acompanhar os trabalhos dos alunos com bibliografia existente no espólio documental da Biblioteca, despertando a curiosidade para aspetos menos conhecidos da nossa História, começando com a elevação de Penafiel a cidade, o que permitiu a criação do Bispado e a nomeação do seu Bispo, o célebre Frei Inácio de S. Caetano, bem como o desenvolvimento urbano do séc. XIX, com destaque para a então Rua Formosa (hoje Avenida Egas Moniz) e o seu Palacete do Barão do Calvário, que atualmente alberga a Biblioteca Municipal.

Das várias obras expostas refira-se “A diocese de Penafiel:1770-1778” de José F. Coelho Ferreira, na qual se dá nota que o Bispo nomeado, Frei Inácio, nunca chegou a vir a Penafiel, o que não impediu o Abade de Jazente, Paulino Cabral de Vasconcelos, o alcunhar de “Bispo das Albardas”, em referência ao nome porque são conhecidos os naturais de Penafiel - “albardeiros”. Falando do painel relativo às lutas liberais, será imperativo destacar a obra de Ernesto de Melo, “Chamôrrros e Carcundas” de 1929, que utiliza no seu título os nomes porque eram conhecidos os apoiantes de D. Pedro (Chamôrrros, designação que os soldados espanhóis davam aos soldados portugueses de cabelos à escovinha) e as tropas de D. Miguel (Carcundas). Na mesma obra é descrita a chegada das tropas fiéis a D. Pedro a Penafiel a 18 de julho de 1832 e o conseqüente incêndio do Convento de S. António dos Capuchos, refúgio dos apoiantes miguelistas, referindo-se ainda que as chamas não atingiram a Igreja. Não podia ainda deixar de mencionar a entrada do nosso notável escritor Camilo Castelo Branco em Penafiel descrita na obra “Memórias do Cárcere”, na qual sendo abordado pelo miguelista Tenente de Milhundos sobre qual a causa que apoiava, o mesmo responde: “O senhor D. Miguel primeiro!”, sacudindo o gorro que levava.

A exposição tem outros focos de interesse como as invasões francesas que também deixaram marcas neste território, sendo prova disso a obra “Penafidelenses mortos pelos franceses em 1809” de António Gomes de Sousa e avançando no tempo, entrando já no século XX, a referência a personalidades penafidelenses de vulto como foi o Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes. Aqui, entre outras obras, salienta-se a chamada “Carta a Salazar”, de sua autoria, texto que escreve em 1958 e que foi publicado e divulgado sem o seu consentimento.

Nele, denuncia a miséria do povo e a falta de liberdade e expressão, o que lhe valeu 10 anos de exílio. Nesse mesmo ano, decorreram as eleições fraudulentas entre o candidato apoiado pelo regime e o General Humberto Delgado, sendo também dado nota disso não só no trabalho exposto, mas também na bibliografia presente, nomeadamente “Humberto Delgado no Portugal de Salazar” de Adrião Pereira da Cunha, tendo na capa uma fotografia da passagem do conhecido “General sem medo” por Penafiel, acompanhado pelo Dr. Rodrigo de Abreu, penafidense que foi um dos seus maiores apoiantes.

Continuando pelo percurso da exposição, saímos da temática de Penafiel para a História de Portugal mais generalizada, começando no reinado de D. José I (o tal responsável pela elevação de Penafiel a cidade) ao seu “fiel” ministro Marquês de Pombal (não esquecendo o Terramoto de 1755) e o restante percurso continua até ao séc. XX, terminando no 25 de Abril de 1974. Da diversa bibliografia selecionada para acompanhar os quadros expostos, penso ser sobretudo interessante, porque diferente, aquela que aborda as questões históricas vistas da perspetiva dos nossos escritores. Já abordei o caso de Camilo Castelo Branco, mas considero igualmente interessante a forma como Mário Zambujal em o “Cafuné” retrata a Rainha Carlota Joaquina, ou José Saramago no seu famoso “Memorial do Convento” nos descreve o Rei D. João V e, em particular, os seus amores com a Madre Paula.

Muitos outros exemplos podiam ser aqui discriminados, mas termino apenas com uma nota para o livro “Férias com Salazar” de Christine Garnier que documenta bem o quadro que, juntamente com outro relativo à “Revolução dos Cravos” que por antítese o acompanha, encerra esta exposição que vale a pena conhecer, deixando novamente os meus agradecimentos ao ISCE/Douro, em particular ao Prof. Doutor José Carlos Meneses e seus alunos, sem esquecer o Prof. Doutor Rui Brito da Fonseca, que preside a esta instituição.

Penafiel, maio de 2022

Diretora da Biblioteca Municipal de Penafiel

*Maria Adelaide Galhardo*

(Maria Adelaide Galhardo)

## **A HISTÓRIA NÃO OFICIAL NA PRÁTICA PEDAGÓGICA E CIENTÍFICA: UMA OPÇÃO ASSOCIADA À LIBERDADE DE OPÇÃO DO ESTUDANTE**

A. “– Um e-book? É preferível um artigo!” Nós preferimos os planos principais (A – como soe dizer-se). Depois de uma exposição no ISCE Douro – Histórias Rocambolescas da História de Portugal – seguiu-se Penafiel na História de Portugal (Des)conhecida, por sugestão da Diretora da Biblioteca Municipal, Adelaide Galhardo, para ser integrada no aniversário da elevação de Penafiel a cidade (252.º), em 3 de março. À primeira, adicionámos factos e protagonistas penafidelenses no centro histórico penafidelense.

“– Podemos continuar com a exposição em abril? – questionou a Dr.ª Adelaide Galhardo.”

“– Sim, claro! – respondemos.”

“– E em maio?”

“– Ótimo – redarguimos.”

E assim se concretiza um dos nossos objetivos: compreender os conteúdos da história não oficial, diluindo a memorização, exceto as datas e os factos determinantes, inserindo os estudantes e os cidadãos entusiastas num patamar de considerável conhecimento, (re)escrevendo-se cada vez mais fora dos conteúdos gizados para as unidades curriculares. Em As Histórias Rocambolescas da História de Portugal, de João Teixeira, cada estudante assumiu um artigo de temáticas distintas: 1. Visionários (dois). 2. Tesouros e riquezas espirituais de um pequeno país esbanjador (um). 3. De heróis e vilões todos temos um pouco (três). 4. Grandes paixões, grandes traições, grandes escândalos (três). 5. Mortes violentas: assassínios e execuções num país de costumes pouco brandos (um). 6. Loucura, suicídio e morte (um). 7. Milagres, mitos e mentiras (dois). 8. Grandes catástrofes (três). 9. Um país de intrigas, fugas, conspirações e revoluções (dois). Heróis e vilões, as paixões e os escândalos e as grandes catástrofes tiveram a preferência dos estudantes (três cada), chamariz, por isso, para serem integrados nas imanes conjunturas e complexos histórico-geográficos.

De tudo um pouco, e a certeza de que temos uma história com virtudes e defeitos, não aquela que nos transmitiram durante gerações – de heróis e de glórias, de “egrégios avós”, como nos dita o hino nacional. Mas é desta forma que nos humanizamos, interpretando as realidades, sabendo que os nossos antepassados (não) fizeram o que puderam em períodos favoráveis e de constrangimentos, nomeadamente os segmentos sociais possidentes que, durante séculos, viveram à custa do sangue, suor e lágrimas da arraia-miúda.

B. Foi lançado um desafio nobilitante: para que a Biblioteca Municipal pudesse honrar-nos e homenagear a elevação a cidade, em 1770. A sua valorização exigiu um desafio complementar: 1. A Rua de Arrifana de Sousa/Penafiel na via transmontana (Porto- Vila Real), com derivações duriense e beirão. 2. Cidade e bispado sem bispo. 3. Penafiel: terra de artistas de arte sacra. 4. Os franceses em Penafiel na 2.ª invasão (1809). 5. O incêndio no convento de Santo António dos Capuchos na refrega entre liberais e absolutistas (1832). 6. O desenvolvimento de Penafiel em torno da nova via (Rua Formosa – atuais avenidas Sacadura Cabral, Egas Moniz e José Júlio). 7. Biblioteca Municipal (casa do Barão do Calvário) na nova via, a Rua Formosa (atuais avenidas Gago Coutinho, Egas Moniz e José Júlio). 8. Humberto Delgado: candidato a Presidente da República (1958) em Penafiel.

É um bloco que comprova a importância estratégica da Rua de Arrifana de Sousa durante séculos, da ponte românica de Cepeda à Calçada e daqui à Ajuda, continuando por S. Bartolomeu, cuja colina albergou – no final do século XIX – o santuário do Sameiro (Senhora da Piedade e Senhor dos Passos), fazendo parte da estrada real. Destacam-se a igreja matriz (século XVI) renascentista com remate maneirista e o Paço do Bispo, onde se distingue o silêncio, no sentido nascente-poente, do bulício a montante, de que faz parte a igreja da Misericórdia, o Museu Municipal e a capela da Ajuda (transladada para ali por obstaculizar a passagem).

A necessidade de modernizar a cidade conduziu à abertura da Rua Formosa (norte-sul, defletindo para oeste com outra via), clarificada com a fachada poente da igreja da Misericórdia (capela de N. S.<sup>a</sup> da Lapa, num barroco tardio, mas erudito, ornamentada com concheados rococó) voltada para a Câmara Municipal (ambas em finais do século XVIII). No século XIX, erguem-se o Palacete do Barão do Calvário, o Jardim Público do Calvário (proibindo-se a entrada a cidadãos andrajosos), o Quartel de Infantaria 6 (atual Quartel da GNR) e o Mercado da Alegria (em reconstituição no Parque da Cidade para atividades culturais); no século XX, emerge a Assembleia Penafidense (para usufruto das elites locais) e a linha férrea Penafiel – Lixa – Entre-os-Rios, durando de 1912 a 1920, a que não são alheias as coações da 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial.

C. Concluimos com um apontamento de elevado reconhecimento endereçado aos estudantes, à Diretora da Biblioteca Municipal (Adelaide Galhardo) e ao Presidente do ISCE Douro (Rui Brito Fonseca), que compreenderam o alcance das duas exposições e do e-book *Histórias de Portugal (Des)conhecidas*. As vantagens do livro eletrónico, neste caso, são, indubitavelmente, superiores a outras formas de tratamento.

Penafiel, junho de 2022

O Docente de História

*José Carlos Meneses*

(José Carlos Meneses)

The background is a collage of historical documents, a pressed rose, and musical notation. The documents are in various orientations and colors, some showing printed text and others handwritten. A single rose is pressed in the center, and musical notation is visible on the left side.

## CAPÍTULO I

# *Histórias de Portugal* *(Des)conhecidas*



## JÁ FOSTE RICO E FORTE E SOBERANO

"Já foste rico e forte e soberano,  
Já deste leis a mundos e nações,  
Heróico Portugal, que o gram Camões  
Cantou, como o não pôde um ser humano!

Zombando do furor do mar insano,  
Os teus nautas, em fracos galeões,  
Descobriram longínquas regiões,  
Perdidas na amplidão do vasto oceano.

Hoje vejo-te triste e abatido,  
E quem sabe se choras, ou então,  
Relembras com saudade o tempo ido?

Mas a queda fatal não temas, não.  
Porque o teu povo, outrora tão temido,  
Ainda tem ardor no coração."

Saúl Dias





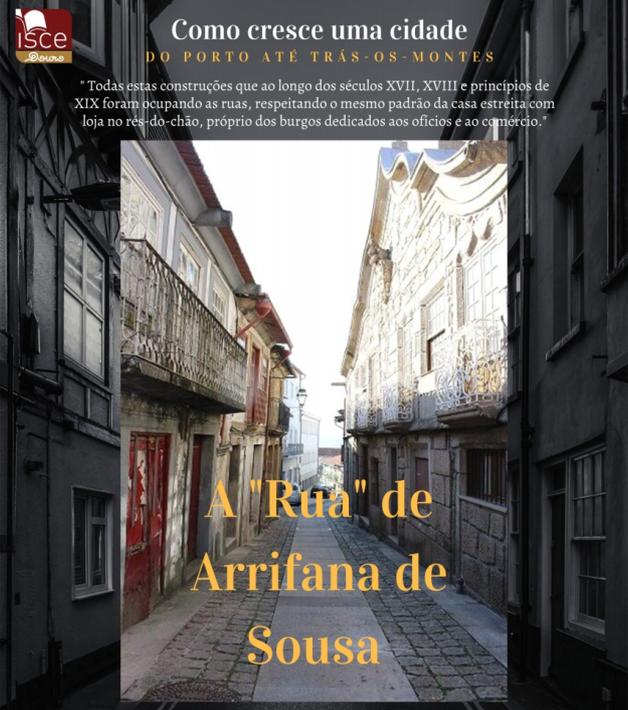
# I N T R O D U Ç Ã O

"Cidade setecentista no interior do distrito do Porto, Penafiel cresceu durante a Idade Moderna como cruzamento viário, local de fim de jornada para quem transitava na estrada que do litoral conduzia a Trás-os-Montes e à Beira" (Soeiro, 1994). O comércio local, sempre atrativo para quem por lá passava, como uma força dinamizadora da cidade, era fonte de riqueza, mas também trazia alguns transtornos para os seus habitantes com a passagem de tropas amigas e invasoras.

"Depois de meio século de administração local própria (tem Câmara desde 1741) e de vida urbana à imitação do Porto com o qual nunca rompeu a ligação umbilical" (Soeiro, 1994), reproduz o seu modelo na criação de bibliotecas e museus como contributo para formar cidadãos mais instruídos, cultos e modernos.

Uma cidade jovem, mas com muita história e potencial para se desenvolver. Pretende envolver os penafidelenses e visitantes a conhecer ruas, monumentos, gastronomia e comércio popular, mas sempre tradicional, uma cidade que nos provoca a VIVER, experimentar, e nos surpreende permanentemente.





**Como cresce uma cidade**  
DO PORTO ATÉ TRÁS-OS-MONTES

"Todas estas construções que ao longo dos séculos XVII, XVIII e princípios de XIX foram ocupando as ruas, respeitando o mesmo padrão da casa estreita com loja no rés-do-chão, próprio dos burgos dedicados aos ofícios e ao comércio."

**A "Rua" de Arrifana de Sousa**

"Aqui e acolá as casas estreitas davam lugar a palácios ou palacetes com rés-do-chão e andar nobre, de longas fachadas horizontais..."

"Eu El Rei faço saber, que havendo respeito a me representaram os moradores do lugar de Arrifana de Sousa [vila criada em 1741] que aquelle lugar hera muy populoso, e ficava em distancia da Cidade do Porto seis léguas [cerca de 30 kms]..."

Liliana Moutinho | Linda Pinheiro | Rita Ferreira  
Educação Básica 2021/2022  
História de Portugal II | 1.º ano | S2 | José Carlos Meneses  
Soeiro, T. (1994). *Penafiel*, 1.ª ed. Editorial Presença, pp. 16/74.

Pela ponte românica de Cepeda chegava-se à Calçada e desta até à Ajuda (ligação estratégica na Estrada Real entre o Porto e Trás-os-Montes e Alto Douro), cuja capela estaria já fora da povoação de Arrifana de Sousa, entretanto trasladada para o local atual. Eis a Rua de Arrifana de Sousa, assim denominada no séc. XVII, com a igreja da Misericórdia (catedral em 1770-1778) e a sua fachada maneirista; a capela-mor, virada para sul, é a antítese da normalidade (orientação para leste). Termina aqui o bulício, pois quando se passa para o Paço do Bispo (CESPU) reina o silêncio!

A matriz, construída no séc. XVI, no local da capela do Espírito Santo (pertencente à paróquia de Mozares), tem a fachada renascentista (registo inferior) e remate já de feição maneirista. A Rua e derivações, integrando a então vila de Arrifana de Sousa, foi residência de artistas de arte sacra (pintores-douradores, principalmente) e palco da passagem dos franceses (1809), dos liberais e absolutistas (1820-1828), repetindo-se, tragicamente, em 1832 (Soeiro, Bernardo & Fernandes, 2021).





**PENAFIEL...**  
**TERRA DE ARTISTAS DE ARTE SACRA**



1806: José Tavares Pimentel, pintor penafidense, doura e pinta os retábulos, púlpito e guarda-vento (estilo neoclássico).  
Órgão de tubos da igreja do mosteiro de Bustelo doado pelo Reino em 1834.



*carpinteiros*  
*ensambladores*  
*torneiros*  
*marceneiros*  
*imaginários*  
*(trabalhavam como escultores)*  
*pintores*  
*(trabalhavam como douradores)*  
*entalhadores*

Sacristia da Ordem Terceira de São Francisco (igreja do Calvário) desde 1837:  
antiga capela de São Mamede. Retábulo do estilo barroco nacional.

EDUCAÇÃO BÁSICA / HISTÓRIA DE PORTUGAL II / 2º SEMESTRE / PROFESSOR JOSÉ CARLOS MENESES  
BIBLIOGRAFIA: Rodrigues, J. C. M. (2004). *Retábulos no Boto Tâmega e no Vale do Sousa (séculos XVII-XX)*. Do Maneirismo ao Neoclássico. [tese de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto]. Vol. I, pp. 151-158. <http://hdl.handle.net/10216/14303>  
Socorro, T. (1994). *Penafiel*, 1.ª ed. Editorial Presença, pp. 54; 68.  
CATARINA FERREIRA / ERICA RUIRES / JONIA MAGALHÃES



O Concílio de Trento reuniu os bispos entre 1545 e 1563, onde se definiram regras sobre a arte sacra: os retábulos enobreciam as imagens e o douramento atraía os crentes, pois o protestantismo aumentava no mundo que fora católico.

O cadeiral localizava-se, normalmente, na capela-mor; o seu lugar na nave (estilo de transição maneirismo-barroco nacional) justifica-se porque foi encomendado em finais do séc. XVII ao entalhador arrifanense Manuel Ferreira Figueiredo, autor dos retábulos mores de Caramos (Felgueiras) e de V. B. Bispo (M. de Canaveses), em 1692 e em 1700, respetivamente. A sacristia da igreja do Calvário era a capela de S. Mamede (nas Chãs), trasladação que ocorreu em 1837 (retábulo do estilo barroco nacional).

Nos séc. XVIII e XIX, identificaram-se na Rua e malha adjacente 77 artistas: entalhadores ou imaginários; ensambladores; carpinteiros; pintores; torneiros.

Uma terra de artistas, com a Santa Casa da Misericórdia como principal mecenas da arte sacra (Rodrigues, 2004).



---

# UM BISPADO SEM BISPO (1770-1778)



CATEDRAL DO BISPADO DE PENAFIEL SOB A INVOLUÇÃO DE NUNCA BOMBARDEIA E D. JOSÉ



- PAPA CLEMENTE XIV (NO REINADO DE D. JOSÉ I COM O SECRETÁRIO DE ESTADO MARQUÊS DE POMBAL) CRIOU O BISPADO EM PENAFIEL. AFRONTAMENTO AO BISPADO DO PORTO, CUJA DIOCESE ERA CONSIDERADA "DISFORME"
- DOM FREI INÁCIO DE SÃO CAETANO É NOMEADO BISPO DE PENAFIEL, MAS NUNCA VISITOU A NOVA DIOCESE. PROVAVELMENTE POR TER SIDO O CONFESSOR DA FUTURA RAINHA D. MARIA I (1777-1818)
- DIOCESE DE PENAFIEL (102 PARÓQUIAS) TEVE POUCO TEMPO DE DURAÇÃO: 1770-1778. EM 2008 AINDA ERA USADO O TÍTULO DE BISPO DE PENAFIEL (ARCEBISPO ESPANHOL FRANCISCO-XAVIER LOZANO)



ALUNOS: JOSÉ NUNO COELHO | BRUNA TADEU | DOCENTE: PROF. JOSÉ CARLOS MENESES

1.º ANO DE EDUCAÇÃO BÁSICA | HISTÓRIA DE PORTUGAL II  
Soeiro, T. (1994). Penafiel. Editorial Presença, p. 20.

No reinado de D. José I, cinco vilas receberam o foro de cidade: Aveiro, Penafiel, Castelo Branco, Pinhel e Portimão (mas D. Maria I permitiu). Excetuando Aveiro, há apenas a vontade de fundar novos bispados sem futuro promissor.

Penafiel forma-se com terras cujo domínio espiritual se ligavam ao Porto (10.06.1770). D. Frei Inácio de S. Caetano é carmelita, mas nunca se desloca a Penafiel – facto que se pode considerar rocambolesco - por ser o confessor das filhas de D. José I, situação que já vinha da época medieval, nomeadamente os franciscanos e os dominicanos como diretores espirituais dos reis das duas primeiras dinastias. Solicitando várias vezes a renúncia, tal somente veio a concretizar-se em dezembro de 1778, com a extinção da diocese de Penafiel, coerência que se alia à existência da do Porto (Sousa, 1985).

O Paço do Bispo, atualmente cedido à CESPU, continua a ser a marca do orgulho penafidense em ter um bispo, cedendo-lhe, igualmente, a Quinta do Bispo, a norte da residência episcopal. "Porque como Ele se vê em calças pardas, /Goza nossa proteção, e clemência, /Dom Fr. Inácio, Bispo das Albardas (Soeiro, 1994)".







*Os franceses em Penafiel na 2.ª invasão*  
 1809

AS ARMAS DA CASA DE BRAGANÇA  
 ESTAVAM COBERTAS POR CREPES  
 NEGROS E PARECIAM SIGNIFICAR O  
 LUTO DA PÁTRIA.

A cidade estava totalmente deserta.

TODAS AS CASAS ESTAVAM ABERTAS,  
 APENAS AS IGREJAS SE ENCONTRAVAM  
 ENCERRADAS.

**Quando o inimigo entrou em Penafiel, o cenário condizia com a aversão que tinha provocado e merecido.**

*"No dia 31 de Março passámos o Sousa e estabelecemos os nossos bivaques em Penafiel, outrora chamada Arrifana."*

Educação Básica  
 História de Portugal III, José Carlos Meneses  
 2021-2022 | 2.º S  
 Ana Rita Martins  
 Bruna Vieira  
 Beatriz Quintas

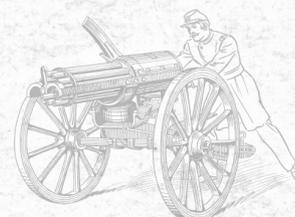
Soeiro, T. (1993) *Penafiel*, 1.ª ed. Editorial Presença, pp. 21-22



Penafiel era o melhor caminho para chegar às estratégicas pontes de Canaveses e de Amarante que desobstruíam a passagem para os interiores transmontano, duriense e beirão. Os exércitos português e francês (general Soul) fixaram aqui a sua logística para as investidas no Sousa e Tâmega.

A opção de evitar confrontos diretos pode ter poupado males maiores. Em junho de 1809, a Câmara reúne e faz a avaliação dos danos: tendo fugido todos os seus moradores, foram saqueados de pão, vinho, azeite e carnes de porco, móveis, alfaias e dinheiros, destruindo-se lhes as janelas e portas de casas, quebrando-lhes e queimando lhes móveis e outros trastes.

Os registos paroquiais contam 121 enterramentos nesta conjuntura de guerra. Naylies, um observador francês, fala de uma dama de rara beleza, cujos discursos eram inflamados, prometendo os louros da glória e o reconhecimento da pátria; centenas de homens reconheciam-na como sua chefe (Soeiro, Bernardo & Fernandes, 2021).





Em 1832 (18.07), absolutistas (carcundas – “mais nojentos que os ratos”) e liberais (chamôrrros – por usarem o cabelo à escovinha; ou malhados, várias cores) pelem em Penafiel, mormente com os primeiros na posse do convento dos Capuchos. A tradição revela que, quando os liberais incendeiam o convento, uma mulher residente perto dos Pelames recolheu, em sua casa, a imagem da porta da igreja do convento, protegendo-a de qualquer tipo de desvario (Ferreira, 2013; Ferreira, 2018).

A situação social não era favorável aos liberais já antes da guerra civil (1832- 1834). Penafiel não escapava ao estado caótico proveniente das escaramuças, no país, entre absolutistas e liberais. As represálias exerciam-se contra os religiosos, mas não fanáticos, que advogavam a liberdade de pensamento e ação, chegando a dirigir-se ao monarca, em 1826.

D. Pedro IV (cujo coração se encontra na igreja da Lapa, Porto) já não assiste às mudanças sociais e económicas, premissas dos liberais, porque morre em 1834, ficando a filha no trono como D. Maria II (Melo, 1929).





**ISCE**  
Instituto de Estudos da Região do Douro

## O DESENVOLVIMENTO DE PENAFIEL EM TORNO DA RUA FORMOSA

(ATAUAS AVENIDAS SACADURA CABRAL, EGAS MONIZ E JOSÉ JÚLIO)

Igreja de Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição (Igreja das Freiras)

Igreja da Misericórdia de Penafiel, fachada poente. Capela de Nossa Senhora da Lapa, construção incompleta (finais do séc. XVIII), com elementos dos estilos tardobarroco e rococó, voltada para a Rua Formosa.

Moradia do Barão do Calvário, atual Biblioteca Municipal (início da construção em 1853), fachada com a Rua Formosa

Edifício da Câmara Municipal de Penafiel, finais do séc. XVIII

Rua Formosa no início do século XX. É a principal artéria da cidade, atualmente com os nomes: Avenidas Sacadura Cabral; Egas Moniz e José Júlio

"A cidade crescera ao longo da Rua Formosa (...)" (Soeiro, 1994, p. 89)"

"À margem desta rua (...) vão surgir muitos melhoramentos a que este século (XIX) aspirou como sinais de modernidade. (Soeiro, 1994, p. 81)"

Soeiro, Teresa (1994). *Penafiel*. Editorial Presença.  
Educação Básica | História de Portugal II | 1º Ano | 2º Semestre  
Docente: José Carlos Meneses | Alunas: Sandra Carvalho e Vera Martins.

A igreja do Calvário (1783-1807), abriga a capela de S. Mamede como sacristia, em 1837. O Recolhimento de N. S.<sup>a</sup> da Conceição (Freiras), igreja e dormitório, em 1791 altera a fachada da igreja, tardobarroca, com detalhes neoclássicos. A Misericórdia já possuía dinheiro, em 1796, para iniciar a capela da Lapa, defronte ao edifício da C. Municipal, ainda não concluído.

O Palacete do Barão do Calvário, atualmente Biblioteca Municipal, inicia-se em 1853. Penafiel, como centro estratégico de apoio ao Porto, em situações de beligerância, alberga, na cerca do Recolhimento da Conceição, a Infantaria 6, em quartel entregue ao Ministério da Marinha, em 1880. O Jardim Público do Calvário, "à francesa", como espaço das elites, surge em 1883, emergindo o Mercado da Alegria dois anos depois, presentemente em reconstituição no Parque da Cidade, e, na mesma data (1885), inaugura-se o campo da feira.

A Assembleia Penafidelense (1912), do famoso arquiteto Marques da Silva, serve a burguesia local em convívios e eventos; e o caminho de ferro Penafiel/Lixa/Entre-os-Rios funcionou entre 1912 e 1920 (Soeiro, 1994).






**Ana de Matos e Alexandra Bessa | Ed. Básica 1º ano**  
**História de Portugal II | Professor José Carlos Meneses**





Inauguração 04/03/195

## BIBLIOTECA MUNICIPAL

Considerado por muitos como o melhor edifício existente desde o séc.XIX.

Quem o visita rende-se ao seu encanto, tal como aconteceu com D. Luís, em 1872. Já serviu de tribunal e cadeia, biblioteca e museu. Inaugurado pelo Presidente da República, Dr. Mário Soares.

### FESTIVAL ESCRITARIA

Palco do Festival Literário que soma já 14 edições, com o objetivo de homenagear diferentes escritores portugueses. É um evento que procura que as pessoas possam fruir da literatura de uma forma diferente e descontraída em cada canto e recanto da cidade.

José Saramago	Mia Couto	Mário Carvalho	Mário Cláudio	Miguel Sousa Tavares	Manuel Alegre	Germano Almeida
2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
2008	2010	2012	2014	2016	2018	2020
Urbano Tavares	Agustina Lobo	António Lobo Antunes	Lidia Jorge	Alice Vieira	Urbano Tavares	Mário Zambujal
Rodrigues	Antunes	Antunes			Rodrigues	



Soeiro, T. (1994). *Penafiel*, 1ª ed. Editorial Presença, pp. 97-99

Se fizessemos uma reconstituição das avenidas Sacadura Cabral, Egas Moniz e José Júlio, teríamos a residência do Barão do Calvário, um “brasileiro” que constrói o melhor edifício da época (1853), de estilo neoclássico. A este edifício juntava-se a igreja renovada do Recolhimento da Conceição (1791), a fachada poente da Misericórdia (capela da Lapa), depois de 1796, e a Câmara Municipal (finais do séc. XVIII).

Após o surto do oídio (praga que atacou a vinha), o Barão do Calvário dedicou-se à produção do vinho, seguido pela Quinta da Aveleda. A autarquia adquire o edifício em 1929 para aí funcionar o tribunal e a cadeia; mais tarde, torna-se a Biblioteca-Museu dirigida por Abílio Miranda (Soeiro, 1994).

Atualmente, coordena 13 bibliotecas (EB1, EB1/JI/Centros escolares), mantendo uma atividade permanente com exposições, lançamento de livros e a escritaria – que alcançou um elevado patamar nacional e internacional (Germano Almeida, cabo-verdiano, foi convidado em 2021).



---

## Humberto Delgado

Candidato a Presidente da República



### O general sem medo

*“Obviamente demito-o” - frase mítica que imortaliza Humberto Delgado, pois pela primeira vez António Oliveira Salazar é confrontado de forma direta. Dado a esta postura, recebe o nome de “O General sem medo”.*



Humberto Delgado na Casa do Gaiato

*Em 15 de Maio visita Penafiel. Começa em Paço de Sousa, onde visita a Casa do Gaiato e o túmulo do Padre Américo, fundador da mesma.*

*Segue para a cidade de Penafiel onde é esperado por uma multidão.*

*Impedido de falar na varanda da Câmara Municipal, profere um discurso no tejadilho de um carro.*



Humberto Delgado no monumento dos Mortos da Grande Guerra

*Coloca uma coroa de flores no Monumento dos Mortos da Grande Guerra*



Humberto Delgado na chegada a Penafiel

*Apesar da manipulação total das eleições, consegue vencer no concelho de Penafiel em Novelas e quase vence em Paço de Sousa.*

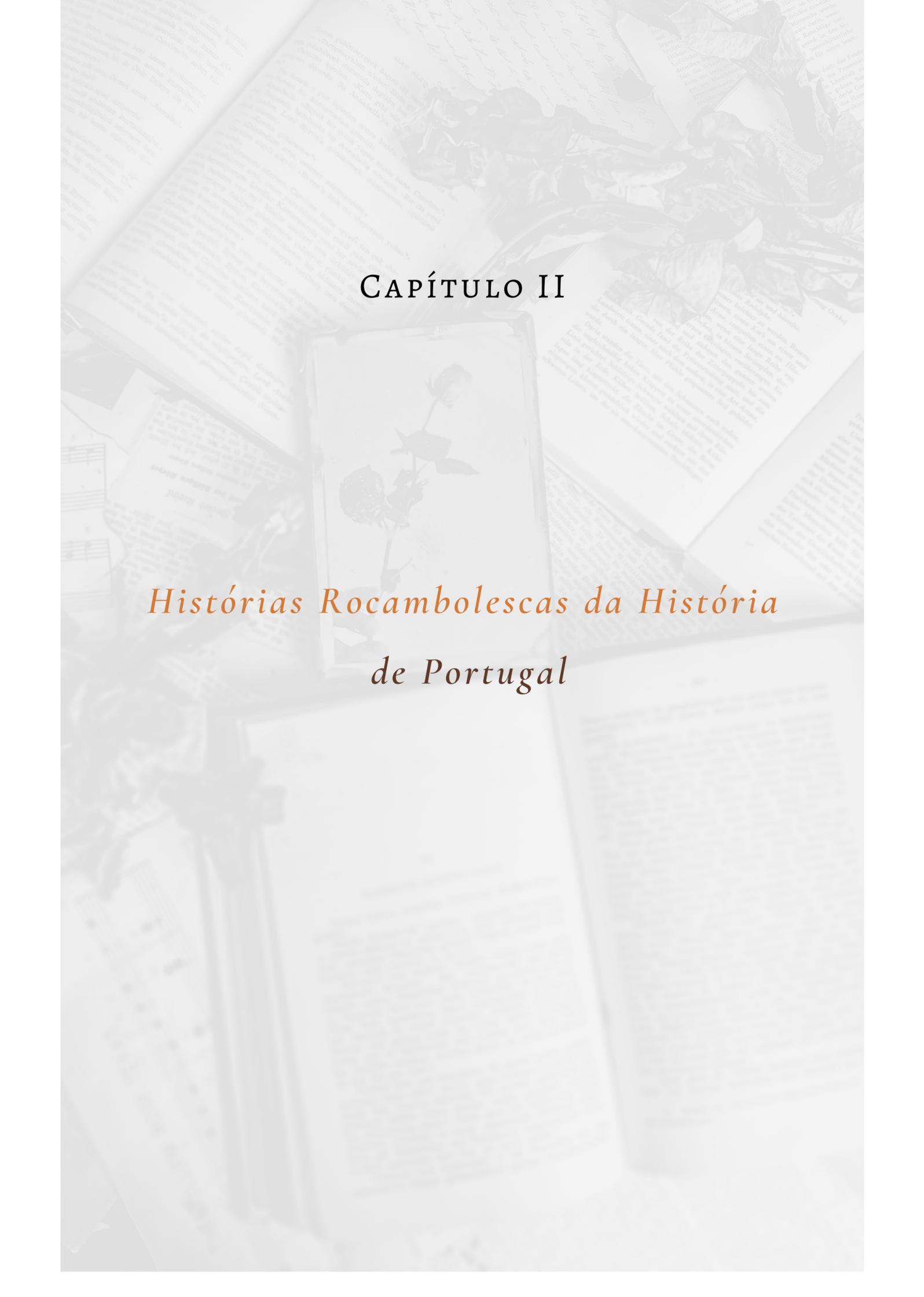
CUNHA, Pereira. Humberto Delgado no «Portugal do Salazar» Ed. Afrontamento, 2018 Realizado por: Filipe Vitor

Numa entrevista à *France Presse*, celebrizou-se o diálogo: “Se for eleito Presidente da República, que fará do Sr. Presidente do Conselho [Salazar]? (...). Obviamente, demito-o!

A visita de Humberto Delgado ao Porto (cidade invicta), em 1958, foi apoteótica, comprovando que, nos momentos cruciais da vida política do País, está com os que considera seus libertadores. O movimento de contestação a Salazar amplia-se, mesmo com a obstrução da comunicação social e todas as instituições subservientes ao regime. Estas eleições abalaram o regime como nunca tivera sucedido anteriormente: atingiram a autoridade carismática de O. Salazar!

Em Penafiel, foi o Dr. Rodrigo de Abreu, fiel amigo e conselheiro de H. Delgado, que conseguiu a mobilização que as imagens testemunham. Na iminência de ser preso pela PIDE, após as eleições fraudulentas, o general segue o conselho de amigos, entre os quais o penafidense Dr. Rodrigo de Abreu (exilado em Cuba e, a seguir, no Brasil): pedir asilo político na Embaixada do Brasil, em Lisboa, que lhe é concedido. H. Delgado – retornado a Espanha (Badajoz), em 1965 – é assassinado pela PIDE (Cunha, 2018).



The background is a collage of historical documents, a pressed rose, and musical notation. The documents are in various orientations, some showing printed text and others handwritten cursive. A single rose is pressed in the center, and musical notation is visible on the left side.

## CAPÍTULO II

# *Histórias Rocambolescas da História de Portugal*

---

# I N T R O D U Ç Ã O

João Ferreira, jornalista e escritor desde 1989, mas sobretudo um apaixonado pela História e pelos seus lados mais caricatos, é licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Mestre em História Cultural e Política e, por acrescento, Doutor em História e Teoria das Ideias pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

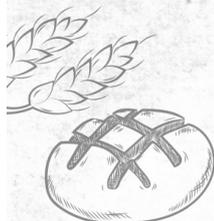
Como verificamos, não estamos a falar apenas de um investigador de História, mas sim de um seu amante, que de tudo faz para nos contar - de uma forma talvez bizarra, informal - os seus lados mais ocultos, provocando-nos o interesse pela mesma, pois é lida de uma perspetiva nunca antes vista ou pensada por nós. Autor de vários livros, os mais célebres são: *Histórias rocambolescas da História de Portugal*, *Histórias bizarras de um mundo absurdo e 500 frases que mudaram a nossa História*. Títulos como estes, para além de chamarem a atenção, mostram-nos que a História de Portugal não se resume apenas aos reis e às rainhas, mas sim a atos e protagonistas que nunca nos foram contados.

A turma do 1.º ano da licenciatura em Educação Básica foi desafiada pelo professor da unidade curricular - José Carlos Meneses - para elaborar um cartaz A3 com quatro a seis frases de um tema livremente selecionado das *Histórias rocambolescas da História de Portugal*. Nasceu a primeira exposição no ISCE Douro, no semestre 1; no seguinte, novo estímulo para a Biblioteca Municipal - *Penafiel na História (Des)conhecida de Portugal*; finalmente, o presente repto, um e-book: *Histórias de Portugal (Des)conhecidas*. Um ano letivo com atividades encadeadas, numa prática pedagógica e científica salutar, comprometendo-nos, com naturalidade, sem memorizações, com a História do nosso país!



Para Portugal, casar D. Dinis com a princesa aragonesa significava conseguir um aliado de peso na guerra contra o clero e a nobreza; para Pedro de Aragão, tornar a filha rainha consolidava o seu poder perante Castela e nas lutas contra a França pela posse de Nápoles e da Sicília. Na Idade Média, um casamento era uma estratégia política de grande alcance.

Com a sua cultura, formação e ação diplomática, Isabel de Aragão foi decisiva para um grande reinado de D. Dinis: Isabel foi a sua melhor conselheira e a razão de Portugal ter gozado de uma posição prestigiante como árbitro em todos os conflitos de toda a Península Ibérica. Apesar dos abusos de D. Dinis, entregando parte dos filhos bastardos para serem educados como se fossem dela! Ele, impetuoso, carnal e viril; ela, uma mulher espiritual, de grande devoção religiosa (Borges, 2012).



---



ISCE  
Douro

Os protegidos  
de D. Dinis...

# Ordem dos Templários

De força de elite, banqueiros, proprietários de vastos domínios até à perseguição e tortura, muitas vezes, acabando em morte.

Rei D. Filipe IV (França) e Papa Clemente V, os grandes inimigos dos Templários, não conseguem acabar com a Ordem em Portugal.

Os Cavaleiros de Cristo (1319) passam a dispor de todos os bens que haviam pertencido à Ordem dos Templários.

Linda Pinheiro  
História de Portugal | José Carlos Mendes  
Educação Básica – 2021/2022

Ferreira, J. (2016). "Tesouro dos Templários – Riqueza religiosa". *Histórias Rocambolescas da História de Portugal*, 10.ª ed. A Esfera dos Livros, pp. 291 – 294.

Ordem de monges-soldados, fundada em 1119, na Terra Santa, para proteger os peregrinos dos ataques dos muçulmanos, na costa do Mediterrâneo até Jerusalém.

Os objetivos dos Pobres Cavaleiros do Templo de Jerusalém (designação completa) foram subvertidos: os êxitos militares levaram reis, senhores feudais e mercadores a solicitar-lhes empréstimos de dinheiro. Filipe, o *Belo*, rei de França, era um dos devedores. Sem poder pagar, em 1307 manda prender os templários, acusados de hereges, sacrílegos, e praticarem a sodomia. O apoio do Papa Clemente V foi crucial no processo de extinção dos Templários.

D. Dinis solicita ao Papa a devolução dos bens doados à Ordem pelos seus antecessores, invocando a sua ilegalidade. A nacionalização, pela Ordem de Cristo, permitiu que as riquezas herdadas financiassem as viagens no Atlântico e na costa africana. O símbolo da Ordem – a cruz de Cristo – colocava-se em todas as caravelas e naus da Expansão Marítima (Ferreira, 2016).





Isce  
Grupos

Ana de Matos | Educação Básica 1º Ano (2021/2022)  
História de Portugal I | Professor José Carlos Meneses

D. Inês de Castro  
1325 - 1355

D. Pedro  
1320-1367

# amor VERDADEIRO OU farsa?

Desde a destruição de um matrimónio  
a mortes violentas.

D. Inês como a amante astuta que conduziu o homem  
à loucura e enalteceu o poder dos Castro (família castelhana).

Terá sido o casamento uma farsa para apagar um escândalo?  
Ou um ato de amor desmedido?

Ferreira, João (2016). "Inês de Castro. Assassinada ou executada depois de ser condenada em julgamento?"  
In *Histórias Rocambolísticas da História de Portugal*, 10.ª ed. A Esfera dos Livros, pp. 51-54.

Inês de Castro (1325-1355) – o “colo da garça”, pela sua beleza - foi nobre dama de Castela. Fez parte da corte de Constança quando esta vem a Portugal para casar com o infante Pedro (1320-1367), filho de Afonso IV. Filha natural de Pedro Fernandez de Castro, da Galiza - foi dos mais importantes nobres da corte de Afonso XI de Castela e neto do rei Sancho IV de Castela, como também era o príncipe Pedro de Portugal; portanto, Pedro e Inês eram primos.

A sua relação amorosa foi recontada por muitos, destacando-se Camões. A versão de que Afonso IV mandara assassinar Inês de Castro foi contraditada: ele propusera ao filho o casamento para pôr fim ao escândalo em que viviam. Pedro I - nervoso, epilético e gago - usou o tormento na produção de prova na justiça; daí os cognomes de o *Justiceiro* e o *Cru*.

Os restos mortais de ambos encontram-se na igreja do mosteiro de Alcobaça, em túmulos representativos da escultura gótica do século XIV (Martins, 2015).








A RAINHA QUE ABANDONOU O MARIDO  
 NO LEITO DA MORTE

**RAINHA D. LEONOR PERTENCIA  
 À MAIS ALTA NOBREZA DE  
 PORTUGAL**



**FUNDOU  
 MISERICÓRDIAS,  
 HOSPITAIS,  
 ALBERGARIAS E  
 APOIOU A CULTURA**



**FOI ACUSADA DE FALTA DE CARIDADE  
 POR SE TER RECUSADO A ASSISTIR À  
 MORTE DO REI D. JOAO II**

**1458-1525**

Educação Básica | História de Portugal 1 | José Carlos Meneses 2021/2022 | 1 Semestre  
 Alexandra Resende Bessa

Ferreira, João (2016). "D. Leonor. A rainha que abandonou o marido no leito da morte." In *Histórias Rocambolosas da História de Portugal*, 10ª. ed. A Esfera dos livros, pp. 225-228

Filha de Martim Afonso Teles de Menezes e de Aldonça de Vasconcellos. D. Leonor nasceu na região de Trás-os-Montes por volta de 1350.

O povo reagiu bastante mal ao tal casamento real pois acreditavam que D. Fernando tinha sido alvo de bruxaria de parte de D. Inês. Não acreditando em tal blasfémia D. Fernando não hesitou, casando secretamente com D. Leonor em maio de 1372

D. Leonor é recordada pela sua ação no domínio da assistência aos necessitados. Foi ela quem criou o primeiro hospital termal nas Caldas da Rainha (sendo evocada no próprio nome da localidade) e a Misericórdia de Lisboa, cuja atuação se estendia a todo o território.

Por outro lado, D. Leonor distinguiu-se como promotora de iniciativas culturais (Martins, 2015).





 Padre António Vieira  
O Imperador  
da Língua Portuguesa

"(...) especialista em comunicação e pregador da corte."

"(...) os homens, com suas más e perversas cobiças, vêm a ser como os peixes que se comem uns aos outros (...) e os grandes comem os pequenos."

"(...) defensor dos direitos dos povos indígenas."

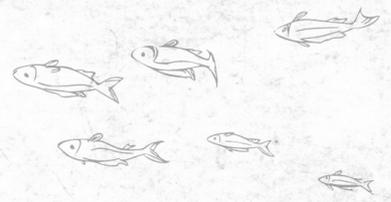


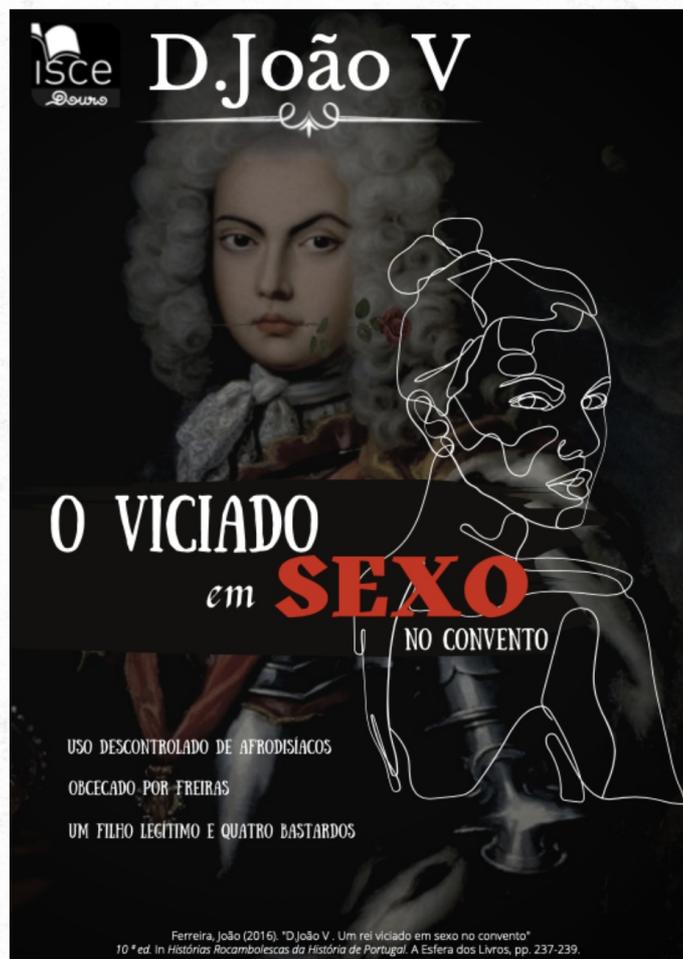
Ferreira, J. (2016). "Padre António Vieira. O Imperador da Língua Portuguesa." In *Histórias Rocambolescas da História de Portugal*, 10.ª ed. A Esfera dos Livros, pp. 255-258. Educação Básica | História de Portugal I | 1.º ano 1.º S | Aluna: Sandra Carvalho | Docente: José Carlos Meneses

Jesuíta (1608-1697), foi missionário, filósofo, diplomata, escritor, um dos maiores oradores portugueses e o melhor pregador da corte de D. João IV (1640-1656); como principal intérprete do Barroco Literário português, eis um exemplo.

Os seus sermões, repletos de alegorias ("Há pessoas semelhantes à vela que se consomem para alumiar o caminho alheio.") atraíam multidões em Lisboa; no Brasil, como missionário, defendeu os indígenas contra a sua exploração e escravização; em Lisboa, foi defensor dos judeus e da abolição da distinção entre cristãos-novos e velhos.

Inquietando os poderes, a Inquisição persegue-o, é proibido de pregar e preso (1662) numa casa de jesuítas. Libertado, vai para Roma onde tem êxito junto do Papa Clemente X, que lhe oferece um salvo-conduto que o livra da perseguição inquisitorial (<https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/padre-antonio-vieira.htm>).





O rei era frequentador assíduo dos conventos, e do de Odivelas em particular, mantendo por lá várias amantes. Na altura, Madre Paula era amante de D. Francisco de Portugal e Castro, conde de Vimioso, mas o rei apaixonou-se por ela, e pediu ao conde que a deixasse, dando-lhe em troca duas freiras à sua escolha, o que ele aceitou. Assim, Madre Paula passou a ser amante do rei.

D. João V teve várias amantes, mas apenas Paula o soube dominar até à morte. Madre Paula viveu ainda 35 anos com o filho de D. João V. O rei foi extremamente generoso não só com ela, cobrindo-a de luxos, mas também com o seu pai, que chegou a receber o grau de cavaleiro da Ordem de Cristo e a receber uma tença de doze mil Reis, para além de outros benefícios (Ferreira, 2016).





**Sebastião José de Carvalho e Melo**  
1699-1782

**ISCE**  
@isce

Cérebro da grande  
Reconstrução da Baixa  
Lisboeta

As reformas pombalinas e a  
ascensão do maior iluminista  
português

A inexplicável expulsão da  
Ordem dos Jesuítas dos  
territórios do Império

Um super ministro sedento  
de poder



## O MARQUÊS DE POMBAL

O amor pelo Norte industrial e a criação da  
*Zona Demarcada do Douro*

O controverso julgamento dos Távora  
e o envolvimento do Marquês

Educação Básica | História de Portugal 1 | José Carlos Mendes | 2021-2022 T. 8 | Ana Rita Barbosa  
Ferreira, João (2016). "Marquês de Pombal, Herói ou Louco?" in *Histórias Recombalenses da História de Portugal*.  
10ª ed. A Esfera dos Livros, pp. 113-116.



A viagem a Viena de Áustria tinha como missão oferecer os seus préstimos conciliadores no diferendo entre o Império Austríaco e a Santa Sé, em missão sem sucesso. Esta e outras viagens foram fundamentais para a educação intelectual, política e económica do futuro estadista, na base do absolutismo iluminado, observando Portugal do lado de fora.

Em 1750, D. José I nomeia Pombal como Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra; na sequência do terramoto de 1755, fortaleceu a sua liderança, desencadeando um violento ataque aos seus opositores políticos, e afirmando-se decidido a reforçar os poderes reais e do Estado. Foi um autêntico estadista, permitindo-lhe manter-se no poder durante 27 anos. Por isso, visionário e torcionário pela perseguição e morte da família Távora. Com D. Maria I, em 1777 é exilado em Pombal, alvo de uma feroz ofensiva política movida pelos seus inimigos; em 1781 é condenado a manter-se fora da corte (Ferreira, 2016).





 **TERRAMOTO DE 1755**  
**LISBOA ARRASADA**



**1 de novembro : 09:40 da manhã**

A **capital** completamente **devastada** devido ao grande terramoto e tsunami.

**MAIS DE 10.000**  
**pessoas perderam a vida.**

**D. JOSÉ I E A FAMÍLIA REAL**  
**SOBREVIVEM**



Educação Básica <b>História de Portugal 1</b> José Carlos Meneses   2021-2022   1ºS Joana Magalhães	Ferreira, João (2016). "Terramoto de 1755 - Lisboa arrasada". 10.ª ed. In <i>Histórias Rocambolescas de Portugal</i> . A Esfera dos Livros, pp.297-298
--	---

Em “Dia de Todos os Santos”, os templos estavam lotados e o bater dos sinos confundia-se com o ruído das ruas quando o barulho do chão se ouvia. Foi o mais arrasador sismo de que há registo no nosso país, afetando ainda a região de Setúbal e o barlavento algarvio.

Em Lisboa, aqueles que fugiram para as margens do Tejo foram apanhadas pelas águas que varriam a zona ribeirinha, inundando tudo quase até ao Rossio.

Muitas das riquezas de Lisboa foram reduzidas a cinzas, desabando conventos, “perdendo-se 35 igrejas, 55 palácios, 10.000 edifícios, o teatro da ópera, o Castelo de S. Jorge, a Casa da Relação, o Arquivo da Torre do Tombo, muitas bibliotecas (Paço da Ribeira, Marquês de Louriçal e conventos de S. Domingos, Carmo e Espírito Santo), consumidos pelo fogo (Ramos, 2009).”

A reconstrução da capital substituiu o traço medieval por uma arquitetura moderna, ortogonal, “a Lisboa pombalina”. As “Memórias Paroquiais de 1758” relatam as perdas advindas da tragédia – terramoto e tsunami (Capela, 2009).




**D. Maria I**  
**RAINHA LOUCA**  
*para um país de doidos*  
**1734-1816**

A primeira mulher a governar Portugal ficou conhecida como a rainha louca.

A herança deixada pelo pai e as perdas que sofreu foram a causa da sua insanidade mental.

Período da "Viradeira"-  
 demissão de Pombal e a influência recuperada pela alta nobreza.



Educação Básica  
 História de Portugal 1 | José Carlos Meneses  
 2021-2022 | 1.º S  
 Ana Rita Oliveira Costa Silva Martins

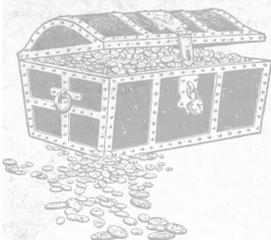
Ferreira, J. (2016). "D. Maria I. Rainha louca para um país de doidos." In *Histórias Rocambolescas da História de Portugal*, 10.ª ed. A Esfera dos Livros, pp. 315-317.

Maria I, apelidada de "A Piedosa" e "A Louca", foi a Rainha de Portugal e Algarves de 1777 à 1815, e também Rainha do Reino Unido de Portugal, Brasil a partir do final de 1815 até sua morte. Durante a sua vida, dedicou-se, sobretudo, às obras sociais e à paz, tendo chegado a conceder exílio em Portugal a aristocratas franceses que fugiam à "Revolução Francesa". Fervorosa e muito religiosa, a rainha era também muito melancólica e a sua tristeza, resultava numa personalidade de baixos emocionais frequentes. Mãe de D. João VI e avó do futuro imperador brasileiro D. Pedro I, ela nunca recebeu muita atenção nos livros de história, e os detalhes de sua vida são pouco conhecidos e peripécias.

Mas o que que a teria levado à loucura?

E será que ela era realmente insana?

(Ferreira, 2016).





# CARLOTA JOAQUINA

## (1775 – 1830)

**NINFOMANIACA, TRAI DORA, FANÁTICA OU MULHER EMANCIPADA MALTRATADA PELA HISTÓRIA?**

"Carlota Joaquina quis ocupar um lugar na **História** mas escolheu sempre o «lado errado» da História- que é contada pelos vencedores. Estes não lhe perdoaram (...)"

"(...) a rainha ficou também na história como exemplo de **escandalosa** devassidão sexual, uma mulher cujos insaciáveis apetites libidinosos se manifestavam num corpo que roçava a repugnância."

"Feia de meter medo, ninfomaniaca, traidora, ignorante até ao fanatismo... a diabolização foi completa, mesmo se exagerada e injusta"



Educação Básica | História de Portugal 1 | 1º ano | 1º S  
Aluna: Bruna Tadeu | Docente: José Carlos Mendes

Ferreira, J. (2016). "Carlota Joaquina-Ninfomaniaca, traidora, fanática ou mulher emancipada maltratada pela História?" In *Histórias Rocambolosas da História de Portugal*, 101ª ed. A Estrela dos Livros, pp. 241-243.

Carlota Joaquina é descendente de D. Carlos IV, Rei de Espanha. Possuía um temperamento belicoso; chegou ao extremo de participar numa conspiração contra o esposo, tendo sido condenada a mudar de residência para Queluz, onde ficou conhecida como a "A megera de Queluz".

Devassa e desregrada, incendiou o país com o seu desatino e as suas paixões promíscuas e perigosas. Enquanto D. João VI planeava salvar o reino de Napoleão, Carlota recebia na intimidade de Queluz o general Junot, comandante do exército francês! Aquando da primeira invasão francesa (1807), refugiou-se no Rio de Janeiro com a família real, onde chegou a cogitar que poderia reinar nas colónias espanholas da América do Sul.

No regresso a Lisboa (1821), desencadeou ofensivas revolucionárias, falhadas, através do filho, D. Miguel (absolutista), na Vila-Francada e Abrilada. A tese de envenenamento de D. João VI por Carlota confirmou-se no nosso século: teor de arsénico 475 vezes superior ao normal (Borges, 2012).





Educação Básica | História de Portugal 1 | 1º ano | 1º S  
Aluna: Érica Nunes | Docente: José Carlos Meneses

OS FRANCESES MATARAM  
MILHARES DE PORTUENSES

## TRAGÉDIA NO DOURO

Era a 2.ª invasão dos franceses em Portugal (1809) com o objetivo de subjugar o país aos ideais da Revolução Francesa (1789). A ligação entre o Porto e V. N. de Gaia fazia-se por uma ponte formada de barcas. Por isso, o "desastre da ponte das barcas".

"Por entre gritos lancinantes, abrem-se alçapões entre as barcas, a meio do rio, e os fugitivos, empurrados pelos que vêm atrás, caem à água e são arrastados pela corrente."



Ferreira, João (2016). "Tragédia no Douro - os franceses mataram milhares de portuenses". In *Histórias Rocambolescas da História de Portugal*, 10ª ed. A Esfera dos Livros, pp.299-302.

A tragédia aconteceu em 29 de março de 1809. Liderados por Soult, os franceses entram em Portugal, pela zona de Chaves. O seu plano era chegar ao Porto seguindo o trajeto do rio Tâmega.

O medo precipitou a população portuense para a ponte do rio Douro, construída com barcarolas; faleceram cerca de quatro mil pessoas e a cidade foi alvo de saque nos dias seguintes. Este desastre é recordado no local onde ocorreu através de um memorial projetado pelo arquiteto Souto Moura (2009).

No registo de um francês "No dia 31 de março passamos o Sousa e estabelecemos os nossos bivaques em Penafiel (...). O 18.º regimento de dragões ocupou a parte alta da cidade, e o 19.º a parte baixa. Precedidos pelo terror que inspirava o nosso nome, não encontramos habitantes (...) um silêncio aterrador reinava na cidade (...) todas as casas permaneciam abertas, encerradas apenas as igrejas (...) Os comestíveis, e tudo o que nos pudesse ser útil, tinham sido retirados ou destruídos (Soeiro, 1994)".





## Sá da Bandeira

*Quem acabou com a escravatura no Império Português?*

1441 - escravos africanos chegam a Portugal. O início do tráfico negreiro levou a uma das mais lucrativas atividades comerciais durante quatro séculos.

Meados do século XVI = **100 mil escravos** (negros, mestiços, índios e mouros) em Portugal.



### O “Sá Maneta” do povo

No cerco do Porto (1832-1833) foi herói e perdeu o braço direito, ficando conhecido pelo povo como “Sá Maneta”.

Bernardo Sá Nogueira de Figueiredo (1795-1876) foi oficial na Guerra Peninsular e apoiante da Revolução Liberal de 1820. Desejava abolir a escravatura. Em **1869** conseguiu acabar com uma infâmia de séculos.

Rita Ferreira  
Educação Básica 2021-2022 | 1.º S  
História de Portugal | José Carlos Meneses

Ferreira, J. (2016). “Sá da Bandeira – Quem acabou com a escravatura no Império Português?”. In *Histórias Rocambolescas da História de Portugal*, 10.ª ed. A Estera dos Livros, pp. 259-262.

Em 1836, o Visconde de Sá da Bandeira dirigia-se à rainha Senhora! [D. Maria II]: “Os naturais da África foram aprisionados e transportados além do Atlântico para tornarem rico um imenso país, cujos habitantes se recusavam à civilização. Lê-se numa memória antiga, que houve tempo em que na ilha de S. Tomé existiram dezassete engenhos de açúcar, que o governo de Portugal mandou destruir para não prejudicarem a cultura da cana que naquele tempo promovia no Brasil!”

Ele advogava a abolição total da escravatura, considerando que só o trabalho livre e a instrução eram os verdadeiros fatores de desenvolvimento dos territórios africanos. Enfrentando as autoridades e os colonos de África, aboliu gradualmente a escravatura e o tráfico negreiro, com vários decretos-lei entre 1836 e 1869. Foi o próprio que escreveu o seu epitáfio: “(...) serviu o seu país, servindo as suas convicções morre satisfeito. A pátria nada lhe deve” (<https://www.museudelisboa.pt/pt/acontece/noticias/memoria-do-marques-de-sa-da-bandeira-no-espaco-publico>).



---

## A I REPÚBLICA PORTUGUESA



REPUBLICA PORTUGUEZA  
*a esperança desperdiçada*

5 de outubro de 1910 – 28 de maio de 1926



**Regicídio de D. Carlos I (1908)**

Militantes republicanos pertencentes à Maçonaria insatisfeitos



**A Revolução começa nos dias 3 e 4 de outubro de 1910**

Confrontos entre tropas republicanas e monárquicas



**5 de outubro: as tropas monárquicas rendem-se; D. Manuel II embarca para o exílio**



**28 de Maio de 1926: Golpe de Estado chefiado pelo General Gomes da Costa, instaurando-se a ditadura militar, que abre caminho ao Estado Novo**

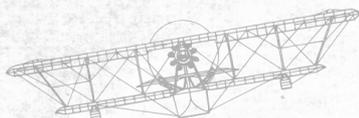
Realizado por: Filipe José do Vale Victor

FERREIRA, João. Histórias Rocambolescas da História de Portugal. 2016

No séc. XIX, a inaptidão da monarquia portuguesa para fazer evoluir a Carta Constitucional num sentido mais democrático deu largo campo de manobra ao republicanismo.

A República era contra o Rei e contra a Igreja, mas não tinha projetos. O Republicanismo tinha as suas raízes na trilogia da revolução francesa: Liberdade, Igualdade, Fraternidade. No partido havia parlamentares com ideais diferenciados, tornando-se o parlamento o lugar de todas essas disputas.

Foi fator de grande desgaste a tensão com a Igreja e a participação na I Grande Guerra levou à aspiração de ordem e eficiência governativa, ambiente que justifica a eclosão de um movimento militar dirigido contra o governo democrático, em 1926 - o “28 de maio”. O general Gomes da Costa assumiu a presidência da República, iniciando-se uma ditadura militar. Mas tal não impede de relevar a proeza de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, em 1922, da primeira travessia aérea do Atlântico Sul, entre Lisboa e o Rio de Janeiro (Carvalho, 2015). Comemora-se este ano o 1.º centenário.





"Devo à Providência a graça de ser pobre: sem bens que valham, por muito pouco estou preso à roda da fortuna, nem falta me fizeram nunca lugares rendosos, riquezas, ostentações. E para ganhar, na modéstia a que me habituei e em que posso viver, o pão de cada dia (...) se me ocupo das reivindicações dos humildes, é pelo mérito próprio e imposição da minha consciência de governante (...) (Cunha, 2018)".

Neste discurso de saudação e agradecimento ao Porto, em 1949, Salazar representa uma imagem bastante diferente da revelada no capítulo das histórias rocambolescas. Portugal conhece o ditador que escusa os bens térreos, altruísta, e que se sustenta pelo amor à pátria, enquanto no *poster* vemos um cavalheiro enamorado, *bon vivant* e viajado. No fundo, temos a ideiação, o austero Salazar, em contraste com a escondida realidade, o metrossexual Salazar, que o audaz autor explora no seu texto e está ilustrado nesta imagem.

A construção do Estado Novo fez-se à custa da polícia política (PIDE) e da censura, adulterando-se, definitivamente, as formas culturais tradicionais populares (Cunha, 2018).





EDUCAÇÃO BÁSICA  
HISTÓRIA DE PORTUGAL 1  
2021-2022 | 1.º S  
ALUNA: BEATRIZ QUINTAS  
DOCENTE: JOSÉ CARLOS  
MENESES

FERREIRA, J. (2016). "ARISTIDES DE SOUSA MENDES - O SCHINDLER PORTUGUÊS?". IN HISTÓRIAS ROCAMBOLESICAS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL, 10.ª ED. A ESFERA DOS LIVROS, PP. 119-126.

**ARISTIDES DE SOUSA MENDES**

**O SCHINDLER PORTUGUÊS?**

"Cônsul de Portugal em Bordéus, em 1940, salvou de morte cerca de 30000 perseguidos pelo nazismo, dos quais cerca de 10000 judeus (...)"

*«Ouvi uma voz que me dizia que me levantasse e fosse dar vistos a todos os que precisassem. (...) Posso ter errado, mas se errei não o fiz com intenção, tendo procedido sempre segundo os ditames da minha consciência.»*

Salvou 30 000 vidas. No Sudoeste da França, em junho de 1940, milhares de civis fugitivos da máquina de morte nazi formavam longas filas no consulado de Portugal, em Bordéus, chefiado pelo "Schindler português". Eram judeus, maioritariamente, pedindo um visto de entrada em Portugal.

Salazar ordenara aos consulados que não concedessem vistos a "estrangeiros de nacionalidade indefinida, contestada ou em litígio; apátridas; e judeus, quer tenham sido expulsos do país de origem ou do país de onde são cidadãos". O cônsul, antes de a França ter assinado a capitulação, decidiu dar vistos aos judeus em fuga.

Foi suspenso das suas funções, com o corte do vencimento para metade, acabando reformado compulsivamente com grandes penalizações. Foi proibido de exercer advocacia e retiraram-lhe a carta de condução! Morreu, praticamente na miséria, em 1954, mas o seu nome é homenageado na Parque Memorial do Holocausto, em Jerusalém (Martins, 2015).





**isce**  
Douro

**D. ANTÓNIO GOMES (1906-1989), BISPO DO PORTO, ENFRENTA ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR**



**OPOSIÇÃO**  
D. António Ferreira Gomes critica a situação política, social e religiosa da nação.

**VS**

**“BOMBA”**  
Carta escrita a Oliveira Salazar teve o efeito de uma “bomba” e agita o salazarismo e a cumplicidade católica e força o exílio de D. António Gomes.



*“Sem coragem não se faz história.”*

Educação Básica  
Catarina Pais Ferreira  
Dr. José Carlos Meneses  
História de Portugal I – 1º semestre

Bibliografia  
Ferreira, J. (2016). “D. António Ferreira Gomes – Quem foi o bispo que bateu o pé a Salazar?”. In *Histórias Rocambolísticas da História de Portugal*, 10ª ed. A Estera dos Livros, pp. 127 - 129

Nasceu em S. Martinho de Milhundos, Penafiel. Aos 10 anos entrou no Seminário, acabando os estudos filosóficos na Universidade Gregoriana, em Roma. Em setembro de 1928 foi ordenado presbítero na Torre da Marca e, a seguir, nomeado prefeito e diretor da disciplina do Seminário de Vilar, Porto.

D. António, durante a década de 50 do séc. XX, preocupou-se com a miséria social, a crítica ao corporativismo do Estado e apelou à livre expressão, escrevendo, em 1958, o “Pró-memória”, conhecido como carta a Salazar: “Não poderei dizer quanto me aflige o já exclusivo privilégio português do mendigo... (Ferreira, 2016)”.

A Igreja, a diplomacia e a imprensa afeta ao regime impulsionaram o seu exílio em Espanha, França e Alemanha durante 10 anos, regressando no tempo de Marcelo Caetano.

Está sepultado no cemitério de Milhundos, deixando um testamento redigido em 1977, onde cria uma Fundação com fins benéficos, educacionais e culturais.







## MAIOR CATÁSTROFE NATURAL

DESDE O TERRAMOTO DE 1755



UMA CHUVA TORRENCIAL PROVOCOU AS CHEIAS  
MAIS MORTÍFERAS EM 1967

**"Curiosamente, naquele arrabalde rico da capital não houve mortos: as cheias foram assassinas nos subúrbios pobres."**

**"(...)começaram a chegar cadáveres de homens, mulheres e crianças."  
"Milhares de pessoas viram-se desalojadas."**

**"(...) são dramáticas as inundações, os prejuízos, o número de vítimas."**

**"As áreas mais afetadas pelas cheias foram as zonas baixas como Lisboa, Loures, Vila Franca de Xira e Alenquer."**




Ferreira, João (2016). "Cheias de 1967. Chuva não mata ricos." In *Histórias Rocamboliscas da História de Portugal*, 10.ª Ed. A Esfera dos Livros, pp.303-307.

Educação Básica  
História de Portugal 1 | José Carlos Meneses  
2021-2022 | 1.º S  
Vera Lúcia Moreira Martins

Uma tragédia que Salazar quis esconder. De 25 para 26 de novembro, em Cascais, Alenquer, Oeiras, Lisboa, Odivelas, Loures, Alhandra, Alverca e Vila Franca de Xira, em apenas cinco horas, registou-se um quinto da precipitação do ano inteiro. Água e lama levaram bairros e aldeias; 20 mil casas destruídas; 462 mortos, oficialmente, mas 700 foi o número estimado. A apatia de Salazar levou 5.000 alunos universitários (Marcelo Rebelo de Sousa e Jorge Sampaio, entre outros) a ajudar as vítimas, mas foram travados pela PIDE.

"Aquilo que se passou não tem comparação no século XX", diz Cardina (2017). "Foi a maior catástrofe natural que se abateu sobre Lisboa desde o terramoto de 1755", confirma António Araújo (2017), jurista e historiador: a tragédia foi esquecida porque não houve destruição de centros de poder ou locais simbólicos; o simbolismo eram as barracas. Não foi onde a chuva foi mais forte que se registaram mais vítimas mortais, mas sim nas zonas mais pobres e degradadas (<https://especiais.rr.pt/cheias-1967/index.html>).





 **25 DE ABRIL DE  
1974**

 Uma revolução feita de cravos.  
**Viva a Democracia!**  
**Viva a Liberdade!**

A Revolução dos Cravos consistiu no derrube da ditadura do Estado Novo, na madrugada de 25 abril de 1974, pelas forças militares.

Às 00h29m, a Rádio, emite uma canção chamada "Grândola Vila Morena", pois essa tinha sido a canção escolhida pelo MFA para iniciarem o plano de destituir o regime ditatorial e impor finalmente a Democracia.

Foi uma revolução feita de cravos, pois os militares colocaram cravos no cano das armas como símbolo dessa revolução pacífica e de alegria.



Educação Básica  
História de Portugal 1 | José Carlos Meneses 2021-2022  
| 1.º S Bruna Vieira

Ferreira, João (2016) "25 de Abril: Uma Revolução feita de cravos". In 10º ed. A dos Livros, pp. 207-212.

O Movimento das Forças Armadas (MFA) derrubou o Estado Novo que durou 48 anos. Na madrugada do dia inicial, inteiro e limpo (como poetizou Sophia de Mello Breyner), os militares de abril foram claros nas suas promessas: terminara a repressão, regressara a liberdade, viria o fim da guerra e do colonialismo e viveríamos em democracia.

Findou o isolacionismo a que Portugal estava condenado há anos e nasceram países independentes. Demonstrava-se que as Forças Armadas podiam ser um elemento libertador do povo.

“Descolonizar, Democratizar e Desenvolver (3 D)” foi o lema que fez regressar Portugal ao fórum das nações livres, transformado numa ação única na História da humanidade. Disso se orgulham, nisso se reveem os capitães de abril.

A razão de ser do 25 de Abril, assume-se como herdeira dos que tudo arriscaram para a libertação dos seus concidadãos (<https://www.tsf.pt/portugal/politica/o-dia-25-de-abril-foi-um-dia-que-valeu-por-seculos-14798228.html>).



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Borges, A. (2012). *Histórias secretas de reis portugueses*. 4.ª edição. Casa das Letras.
- Capela, V., coord. de (2009). *As freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758. Memórias, História e Património*. Edição de José Viriato Capela.
- Carvalho, S. L. (2015). *Quem se atreveu a tanto?* 1.ª edição. Clube do Autor, S. A.
- Cheias de 1967. (novembro, 2017). <https://especiais.rr.pt/cheias-1967/index.html>
- Cunha, A. P. (2018). *Humberto Delgado no "Portugal de Salazar"*. Edições Afrontamento, Lda.
- Dias, S. (s.d.). *Dispersos (Primeiros Poemas)*. <https://www.citador.pt/poemas/ja-foste-rico-e-forte-e-soberano-saul-diasbrjulio-maria-dos-reis-pereira>.
- Ferreira, J. (2016). *Histórias Rocambolescas da História de Portugal*. 10.ª edição. A Esfera dos Livros.
- Ferreira, J. F. C. (2013). *Igreja e Convento de Santo António dos Capuchos em Penafiel*. Santa Casa da Misericórdia de Penafiel.
- Ferreira, J. F. C. (2021). *Anais de Penafiel. III (1951-1975)*. 3.º vol. Livrofiel – Santa Marta / PNF.
- Ferreira, J. P. R. (2018). *Castigar a rir. O humor na imprensa periódica em Portugal (1797-1835)*. Vol. I. [Tese de doutoramento sem publicação]. FCSH, Universidade Nova de Lisboa.
- IPMA (2017). <https://especiais.rr.pt/cheias-1967/index.html>
- Magalhães, M. (28.09.2021). "O imperador da Língua Portuguesa". In *História de Portugal*. <https://mundoeducacao.uol.com.br/lietartura/padre-antonio-vieira.htm>.
- Martins, L. A. (2015). *História não oficial de Portugal. Uma maneira diferente de contar como tudo aconteceu*. 1.ª edição. A Esfera dos Livros.
- Melo, E. (1929). *Chamôrros e Carcundas (Episódios das Lutas Liberais)*. Tipografia Minerva, Penafiel.
- Memória do Marquês de Sá da Bandeira. <https://www.museudelisboa.pt/pt/acontece/noticias/memoria-do-marques-de-sa-da-bandeira-no-espaco-publico>
- Queiróz, A. J. (2019). *Um ilustre republicano penafidense: Dr. Joaquim Cotta (1873-1957)*. Associação dos Amigos da Biblioteca Municipal de Penafiel.
- Ramos, R., coord. de (2009). *História de Portugal*. 8.ª edição. A Esfera dos Livros.
- Rodrigues, J. C. M. (2004). *Retábulos no Baixo Tâmega e no Vale do Sousa. Do Maneirismo ao Neoclássico (Séculos XVII - XIX)*. [Tese de Doutoramento]. Vol. I. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Soeiro, T. (1994). *Penafiel*. Editorial Presença.
- Soeiro, T., Bernardo, H. & Fernandes, P. (2021). *A construção da(s) liberdade(s)*. 1.ª edição. CITCEM, FLUP.
- Sousa, A. G. (1985). *O Bispo e o Bispado de Penafiel*. Santa Casa da Misericórdia de Penafiel.
- Tavares, R. (2017). *O dia 25 de Abril foi um dia que valeu por séculos*. <https://www.tsf.pt/portugal/politica/o-dia-25-de-abril-foi-um-dia-que-valeu-por-seculos-14798228.html>.